



## **PLANEJAMENTO FINANCEIRO ATRAVÉS DA GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

Letícia da Costa Ferro

Ligia Silva de Paula

Samanta de Cássia de Oliveira<sup>1</sup>

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Ms. Augusto Aparecido Mazier

**Resumo:** Atualmente, o planejamento financeiro de uma empresa, se faz necessário antes mesmo da sua estrutura concreta, sendo um conceito vital, já que o objetivo principal de toda organização jurídica é gerar receita aos sócios, e para que esse objetivo seja alcançado dentro do contexto econômico vivenciado, é necessário que a administração do capital da empresa seja bem estruturada, controlando as entradas e saídas dos valores monetários e não monetários que a empresa possui. Nas micro e pequenas empresas é de conhecimento as dificuldades existentes, devido à falta de atenção e/ou conhecimento por parte do gestor nesse aspecto e também pela limitação de caixa. Pensando nisto este trabalho tem o objetivo de apresentar o planejamento financeiro em micro pequenas empresas, de forma a demonstrar a importância dessa gestão e a eficácia do controle através da ferramenta do fluxo de caixa, bem como, sua aplicabilidade, visto informações oriundas dessa ferramenta permitem uma visão mais ampla sobre a real situação do capital de giro da empresa, facilitando a tomada de decisões e contribuindo para o crescimento da organização.

**Palavras-chave:** Finanças. Planejamento. Gestão. Micro e Pequenas Empresas.

### **Introdução**

O planejamento financeiro é uma ferramenta que visa estruturar a organização com o objetivo de consolidar, controlar, coordenar ações e ainda, permitir uma tomada de decisão mais segura e certa. O mesmo pode ser realizado em diversos setores da empresa, mas só se torna possível, através de uma eficiente administração do capital de giro, realizado de forma contínua buscando cumprir com os compromissos e ainda otimizar riquezas.

Mesmo não sendo obrigatória para micro e pequenas empresas, a demonstração de fluxo de caixa – DFC – é uma ferramenta essencial que possibilita

---

<sup>1</sup> Alunas regularmente matriculadas no 7º semestre do Curso de Ciências Contábeis – noturno- do Uni-Facef Centro Universitário de Franca.



uma visão mais ampla sobre a real situação da empresa, e permite a previsão de uma futura situação de caixa, além de fornecer informações á terceiros e principalmente aos administradores que realizam a tomada de decisões.

Infelizmente tanto o planejamento quanto á demonstração do fluxo de caixa, muitas vezes não é realizado dentro das micro e pequenas, seja pela falta de conhecimento teórico ou por imprudência do administrador, acarretando sérias consequências no funcionamento da empresa podendo levar até o encerramento das atividades da mesma.

Diante disso, esse estudo tem como objetivo geral demonstrar a importância de um bom planejamento financeiro para micro e pequenas empresas através da ferramenta de fluxo de caixa, almejando uma forma de crescimento rápido e seguro. Para tal, realizar-se á uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e meios eletrônicos. Em seguida, será realizado um estudo de caso a fim de comprovar a eficiência do planejamento e da aplicabilidade do fluxo de caixa. Após, será realizado um questionário direcionado á administradores e gestores, para que seja possível instrumentar e comprovar ás análises e interpretações desta pesquisa.

Na sequência, são apresentados os resultados da pesquisa, que ainda está em andamento, obtidos até o momento por meio da revisão bibliográfica.

## **1. Planejamento financeiro**

### **1.1. Conceito**

Planejamento Financeiro é uma ferramenta que permite aos gestores uma visão mais ampla da situação financeira da organização.

Tornando a tomada de decisão mais fácil e certa.

Segundo Gitman (1997, pag.589) “planejamento financeiro é um aspecto importante para o funcionamento e sustentação da empresa, pois fornece roteiros para dirigir, coordenar e controlar suas ações na consecução de seus objetivos”.



## 1.2. Função do planejamento

A função do planejar é de definir antecipadamente ações ou intenções de algo. Nesse caso, é organizar o futuro das atividades da empresa, em seu âmbito geral, desde a administração até a última faixa operacional da empresa, e ainda do meio externo no qual está inserida. É a arte de elaborar um projeto e organizar um meio de se chegar ao objetivo final do mesmo.

Para Braga (1998, p.228), “planejar consiste na escolha da alternativa mais adequada em face da realidade presente e das expectativas do consumidor de inúmeras variáveis endógenas e exógenas”. Já para Martins (2005), planejar é tentar prever ocorrências futuras e se preparar para agir de maneira a evitar surpresas desagradáveis no funcionamento e na gestão do empreendimento.

Dessa forma, compreendemos que, a função do planejamento é auxiliar na tomada de decisões, no gerenciamento, controle e equilíbrio no crescimento da empresa.

## 1.3. Tipos de planejamento

De acordo com Thomas S. Bateman e Scott A. Snell (1998) as organizações podem ser classificadas em três tipos de planejamento: estratégico, tático e operacional.

Figura 1 – Tipos de Planejamento



Fonte: <http://momentodoadm.blogspot.com.br//2014/03/espaco-do-administrador-controle.html>

### 1.3.1. Planejamento Estratégico

O planejamento estratégico é um planejamento de longo prazo que consiste em grandes oportunidades de negócios. São tomadas de decisões de níveis mais elevados, onde se é difícil mudar ou reverter o processo adotado, e usualmente apresenta nível de risco significativo. Exemplos de planejamento estratégico são compra de galpões, criação de nova linha de produtos, fidelização de clientes etc.

#### 1.3.1.1. Etapas do Planejamento Estratégico.

- Definir o negócio: definir o campo de atuação da empresa
- Definir a visão do futuro: como a organização pensa no futuro, o que ela pretende ser.
- Definir a missão: é o papel que a empresa desempenha em seu ramo de atuação:



Uma empresa não se define pelo seu nome, estatuto ou produto que faz, ela se define pela sua missão. Somente uma definição clara da missão é razão de existir da organização e torna possíveis, claros e realistas os objetivos da empresa (Peter Drucker, 1993).

- Definir os valores: Definir princípios ou crenças, critérios para qualquer pessoa inserida na organização.

### 1.3.2. Planejamento Tático

O nível tático é de médio prazo. Ele está intermediado entre os planejamentos estratégico e operacional, cuidando de cada departamento individualmente. Ele tem por propósito identificar de qual modo o setor ajudará a alcançar as metas gerais da organização.

### 1.3.3. Planejamento Operacional

O nível operacional é de curto prazo, onde ele tem o objetivo de potencializar os recursos da empresa que foram aplicados naquele período. Esse nível ajuda separadamente a colocar as metas do planejamento tático em ação, com seus responsáveis pela execução de cada tarefa.

## 2. Natureza e definições do capital de giro

Como vimos planejar é um meio de administrar algo. Atualmente, dentro de uma empresa, a administração do capital de giro tem um alto grau de relevância, especialmente pelas cargas tributárias, taxas de juros do mercado, a expansão da concorrência e pelas próprias diretrizes da empresa, adotadas para seu crescimento. Historicamente, podemos destacar ainda, que:

O termo capital de giro teve origem com os antigos mascates ianques, que carregavam suas carroças com mercadorias e percorriam suas rotas vendendo seus artigos. A mercadoria era chamada de capital de giro porque



era o que o mascate vendia ou “girava”, para produzir seus lucros. A carroça e o cavalo eram os seus ativos fixos. Como o mascate em geral era o proprietário da carroça e do cavalo, estes eram financiados com o “capital próprio”, mas os fundos para comprar a mercadoria costumavam ser provenientes de empréstimos de capital de giro e tinham de ser liquidados a cada viagem, para demonstrar ao banco que o crédito do mascate era bom (BRIGHAM E HOUSTON 1999, p.561).

O capital de giro é um investimento de curto prazo, utilizado para manter as operações rotativas da empresa, ou seja, o ciclo operacional, comercial e financeiro.

Masakazu Hoji pg.107 conclui que: “O capital de giro é também conhecido como capital circulante e corresponde aos recursos aplicados em ativos circulantes, que se transformam constantemente dentro do ciclo operacional”.

Esse investimento em ativos de curto prazo objetiva manter e determinar o nível de rentabilidade e liquidez da empresa, considerando não apenas os recursos monetários, mas também, tudo o que será transformado em disponível, como estoques por exemplo.

Percebemos a necessidade da administração do capital de giro, já que é a partir dele que o negócio irá funcionar. Quanto maior for a liquidez dos ativos correntes, isso é, do capital de giro, maior será a confiança a ser depositada nas operações, porém, deve ser observado o retorno desses ativos.

## 2.1. Administração do capital de giro

A administração do capital de giro engloba todas as operações da empresa. A partir daí se dá a real importância da administração dos recursos correntes aliada há um planejamento eficiente. Brigham e Houston (1999) definem que: “o objetivo da administração caixa é reduzir o valor de caixa mantido ao mínimo necessário para atender as operações”. Já para, Neto e Silva (2002), “a função da administração financeira é promover à empresa recursos de caixa suficientes de tal forma ao cumprimento com os compromissos assumidos e ainda a maximização da riqueza da empresa.”



Percebemos que o objetivo dessa administração é manter sempre um saldo razoável de caixa, acompanhando as entradas e saídas, a necessidade de se provisionar os ganhos e os pagamentos, avaliar o processo produtivo, ou o giro das mercadorias, etc., sem comprometer a eficácia das atividades da empresa. Isto é, a capacidade de geração dos recursos de caixa, sendo possível aumentar os lucros, saber realmente os recursos que a empresa tem disponível, promovendo a independência financeira da mesma.

Esse tipo de gestão é muito defasado em micros e pequenas empresas, por falta de controles eficazes, por displicência do administrador, pela limitação do caixa, e pela alta competitividade do mercado. Segundo estudo realizado pelo SEBRAE, apresentado em 2010, 27% das empresas abertas no estado de São Paulo, paralisam suas atividades com um ano de operação, e 58% com cinco anos.

#### 2.1.1. Contas a receber

As vendas da empresa nem sempre ocorrem de forma à vista. Esse fator gera um crédito aos clientes, gerando na empresa a conta “duplicatas á receber”. Essa concessão de créditos acarreta custos e riscos significativos dentro da organização, já que ocorre a possibilidade de não cumprimento do compromisso por parte do cliente.

Assim afirma Megliorini e Vallin (2009, p.182):

“As duplicatas á receber surgem das vendas de serviços, mercadorias, e produtos realizados á crédito. Nessa transação a empresa financia o cliente pelo prazo estipulado para que ele efetue a quitação. Ao oferecer crédito aos clientes, a empresa aumenta suas vendas, aperfeiçoa o uso dos recursos produtivos e aumenta seus lucros. Ao mesmo tempo que a DRE apresenta lucros maiores, a decisão de vender a crédito originará custos adicionais [...]”.

A melhor forma de se administrar é estabelecer um bom controle de vendas, para ter resultados acertados de faturamento, política de crédito eficiente



para identificar os clientes confiáveis, e uma boa política de cobrança para acelerar o recebimento.

### 2.1.2. Estoque

Megliorini e Vallin (2009, p.190) definem estoques como:

“ às quantidades de matérias-primas, produtos ou mercadorias que são mantidos em situação de disponibilidade, com certa frequência de renovação, para serem empregados de acordo com as necessidades de produção ou de acordo com os pedidos dos clientes. [...] . Os estoques existem para que o curso das atividades das empresas seja normal.[...] ”.

Portanto, estoque são todos os bens mantidos na empresa para futuras receitas. Ele necessita de um bom controle, pois é desses bens que sobrevivem toda a empresa. O gerenciamento de estoques é algo complexo para todo tipo de empreendimento, já que as mercadorias precisam ser adquiridas antes das vendas, ou pelo menos uma parte dela, e ainda há custo de armazenamento e manutenção do estoque. O ideal é manter sempre o mínimo de estoque possível para a produção a fim de evitar esses custos de armazenagem ou dano de material/mercadoria.

### 2.2. Alternativas do capital de giro

Em uma empresa o capital de giro representa media de 30% a 40% do seu total de 3 ativos, assim ele exige um cuidado maior do administrador financeiro.

O capital de giro precisa ser acompanhado de perto, pois sofre mudanças constantemente. Boa parte das complicações enfrentadas pelo administrador financeiro é para resolução dos problemas do capital de giro.

Segundo o Instituto de Estudos Financeiros as complicações do capital de giro em uma empresa são devidos, predominantemente, pela ocorrência dos seguintes fatores:

- Redução de vendas
- Crescimento da inadimplência
- Aumento das despesas financeiras
- Aumento dos custos



### 2.2.1. Formação da Reserva Financeira

Reserva financeira é uma ação preventiva onde se pode solucionar muitos problemas do capital de giro, no qual a empresa conseguirá enfrentar mudanças repentinas.

### 2.2.2. Encurtamento do Ciclo Econômico

O encurtamento do ciclo econômico é diferente para cada ramo de atividade, mas em qualquer organização e para redução das necessidades do capital de giro.

- Indústria: Menor tempo para produzir e vender
- Comércio: Giro rápido dos estoques
- Prestação de serviço: Trabalhar com cronograma mais curto para execução dos serviços.

### 2.2.3. Controle da Inadimplência

A inadimplência pode ocorrer por dois motivos o quadro econômico geral do país e fatores no domínio da própria empresa.

No primeiro caso, a diminuição da renda das pessoas e a redução geral da atividade econômica, tende a intensificar a inadimplência. Desse modo a organização tem pouco domínio sobre o problema.

No segundo caso, a empresa tem que verificar com mais rigorosidade seus clientes que compram a crédito.

### 2.2.4. Não se Endividar a Qualquer Custo



Tentando amparar a insuficiência de fluxo de caixa o administrador financeiro faz empréstimos a juros abusivos para suprir suas necessidades imediatas não pensando em como ira efetuar esse pagamento futuramente.

#### 2.2.5. Alongar o Perfil do Endividamento

Isso ocorre quando a organização consegue negociar um prazo maior para pagamento de suas obrigações sempre tomando conta se terá juros por cima desse prazo e se a empresa ira conseguir efetuar o pagamento dessa divida na nova data prevista.

#### 2.2.6. Reduzir Custo

Reduzir custos em uma organização tem o efeito positivo desde que não limita suas vendas ou a realização de suas operações.

Perante apuros do capital de giro, o grande desafio da redução de custos é identificar gastos que podem ser suspensos sem grandes danos.

#### 2.2.7. Substituição de Passivo

Esta politica requer trocar uma divida por outra com menor custo financeiro.

#### 2.2.8. Solução Definitiva

Essa solução consiste no restabelecimento da lucratividade e consequentemente a reorganização do fluxo de caixa.

### 2.3. Financiamento do capital de giro



O capital de giro da empresa pode ser financiado através de dois grupos de fontes principais: internas e externas. As internas são: Lucros; rotatividade dos itens circulantes; PMP e PMR; Sale lease-back, e as externas são: Recursos Próprios e de Terceiros.

O financiamento de recursos de terceiros pode ser adquiridos através de diversas fontes e podem ser de curto e longo prazo. O capital de giro também pode ser financiado por recursos próprios, como o Patrimônio Líquido e o Ativo Permanente.

A vantagem de um financiamento á curto prazo é que o crédito é obtido mais rápido e mais fácil, e essas dívidas têm taxas menores que as de longo prazo.

#### 2.3.1. Fontes de capital

- Adição de capital social;
- Maior prazo nas compras com fornecedores;
- Sócio / acionista;
- Obtenção de recursos no sistema financeiro.

#### 2.3.2. Fontes de Financiamento com e sem garantia:

##### 2.3.2.1. Empréstimos com garantia: - caução de duplicatas a receber;

- Factoring de duplicatas a receber;
- Empréstimo com alienação de estoque;
- Empréstimo com certificado de armazenagem.

##### 2.3.2.2. Fontes de Financiamento á Longo Prazo:

- Empréstimos



- Debênture: com e sem garantia;
- Ações.

### 2.3.3. Financiamentos á curto prazo.

Este tipo de financiamento sem garantia geralmente tem o montante limitado. Quanto mais à empresa busca esse recurso mais as instituições dificultam a liberação, pois quando atingem um certo nível, os fornecedores de créditos vêem demasiado risco para concessão do crédito sem garantia.

Varias empresas não conseguem financiamento a curto prazo sem garantia devido ao histórico financeiro. Para as empresas este tipo de empréstimo é mais vantajoso por sair mais barato, uma vez que as taxas de juros são mais baixas. Empréstimo a curto prazo com garantia.

São aquelas onde entidades financeiras exigem algum bem como garantia. Pode ser ativo, duplicatas a receber ou estoque. Através de um contrato a empresa tomadora do financiamento deixa seus bens alienados, caso não pague suas obrigações o bem deixado como garantia quita a dívida.

Os financiamentos mais utilizados com garantia são: factoring e caução de duplicatas a receber.

### 2.3.4. Financiamentos á Longo Prazo.

São empréstimos com dívida superior a um ano. Os custos desse financiamento são maiores que os de curto prazo. Os contratos são padronizados, as taxas de juro e datas para pagamento são fixas.

## 2.4. Equilíbrio financeiro

O equilíbrio é encontrado quando se mantém algo estável em determinada situação. Assim ocorre também dentro das empresas. Todas necessitam buscar um nível satisfatório de capital de giro de forma a manter e



garantir a continuidade de sua atividade operacional. Conforme ASSAF NETO, e SILVA (2002, p.24) observamos que:

“O conceito de equilíbrio de uma empresa é verificado quando suas obrigações financeiras se encontram lastreadas em ativos com prazos de conversão em caixa similares aos dos passivos. Em outras palavras, o equilíbrio financeiro exige vinculação entre a liquidez dos ativos e os desembolsos demandados pelos passivos [...]”.

Assim, percebemos que o equilíbrio existe, quando os investimentos á curto prazo é utilizado para suprir as obrigações de curto prazo, e os investimentos de longo prazo, para suprir as obrigações de longo prazo. Nesta situação, pode-se analisar o equilíbrio através do capital circulante líquido, que se, positivo revela a capacidade de solvência no curto prazo, e ainda como adequação no conjunto das decisões estratégicas da empresa, já que os ativos á longo prazo seriam financiados por recursos também de longo prazo.

Como existem as mais diversas situações, é possível ter uma perspectiva através de uma análise que avalia o equilíbrio financeiro e sua condição de liquidez relacionando os investimentos e os financiamentos dos mesmos, assim afirma ASSAF NETO e SILVA (2002, p.61):

“Uma importante metodologia de estudo da posição de equilíbrio de uma empresa é aquela baseada na distinção de seus ativos e passivos circulantes em itens operacionais e financeiros. Além de proporcionar uma avaliação mais analítica da posição financeira da empresa, o critério permite ainda, de maneira relativamente simples e dinâmica, que se identifiquem as efetivas necessidades de capital de giro [...] Esse método que permite com razoável precisão técnica melhor conhecer e avaliar a estrutura financeira das empresas, é mais conhecido por necessidade de capital de giro [...]”.

#### 2.4.1. Necessidade de capital de giro

Conforme Matarazzo (2003, p. 337), “A Necessidade de Capital de Giro é não só um conceito fundamental para a análise da empresa do ponto de vista financeiro, ou seja, análise de caixa, mas também de estratégias de financiamento,



crescimento e lucratividade”. A necessidade de capital de giro é obtida pela diferença entre investimentos e financiamento estritamente operacionais.

$$\text{Ncg} = \text{Ativo Operacional} - \text{Passivo Operacional}$$

Percebemos que, “Com essa operação, chega-se ao valor que representa a efetiva necessidade de investimento em capital de giro da empresa” (ASSAF NETO e SILVA 2002, p.63).

Assim, quando a diferença for positiva, denota-se uma demanda de recursos para financiar o giro das atividades, e quando for negativa demonstra que a empresa possui excedente de passivo operacional, onde o passivo financia não somente o ativo circulante, mas também o á longo prazo.

#### 2.4.2. Capital de Giro líquido

O capital de giro líquido demonstra o resultado que a empresa obteve nas movimentações á curto prazo, sendo a relação em entre entradas e saídas:

O capital de giro (circulante) líquido – CCL – é mais diretamente obtido pela diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante. Reflete a folga financeira da empresa e, dentro de um conceito mais rigoroso, o CCL representa o volume de recursos de longo prazo (exigibilidades e patrimônio líquido) que se encontra financiando os ativos correntes (de curto prazo) (ASSAF NETO e SILVA, 2002, p.16).

Sendo assim, pode ser apresento da seguinte forma:

$$\text{Cg} = \text{Passivo exigível á longo prazo} + \text{PL} - \text{Ativo realizável á longo prazo} + \text{Ativo permanente}$$

Ou

$$\text{Cg} = \text{Ativo Circulante} - \text{Passivo Circulante}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva 2002 p.16



O resultado esperado necessita ser sempre positivo, uma vez que revela como a empresa está sendo capaz de suprir suas obrigações á curto prazo com seus rendimentos. Assim o capital circula entre as entradas e saídas de recursos, e a empresa se encontrará em pleno funcionamento. Pode se observar também que um resultado positivo revela que a empresa é capaz de financiar a NCG. Por outro lado, se o resultado for negativo denota-se que são utilizados recursos á curto prazo pra financiar aplicações á longo prazo, ou seja, o ativo não financia as operações do passivo, caracterizando á uma péssima liquidez de suas exibilidades.

#### 2.4.3. Saldo de tesouraria

“Denomina-se efeito tesoura o valor do capital de giro (Cg) que excede á necessidade de capital de giro (Ncg)” (Santos,Edno Oliveira 2001,p.28) .

$Et = \text{Capital de giro} - \text{Necessidade de Capital de Giro}$

Á partir dessa exposição, podemos ver que o saldo de tesouraria expressa a liquidez da empresa. O modelo apresentado por Fleuriet (2003) mostra que, se o capital de giro for insuficiente para financiar a necessidade de capital de giro o saldo da tesouraria será negativo, indicando o uso do passivo financeiro para financiar aplicações de curto ou longo prazo, e se for positivo a empresa possui recursos de curto prazo, indicando liquidez.

Podemos concluir que o equilíbrio financeiro, abrange vários outros aspectos além do simples controle de caixa. Ele também compõe um planejamento bastante eficaz na gestão da empresa, já que proporciona uma visibilidade dos financeiros de curto e longo prazo. Buscar e assegurar um bom equilíbrio financeiro é essencial para a continuidade da empresa.



### 3 FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa é uma demonstração contábil utilizada para controlar o caixa de uma organização, de forma a visualizar as movimentações das entradas e saídas monetárias e não monetárias da empresa em determinado período, para acompanhar e avaliar o desempenho. Conforme ZDANOWICZ (1991) “denomina-se fluxo de caixa de uma empresa o conjunto de ingressos e desembolsos de numerários ao longo de um período determinado. O fluxo de caixa consiste na representação dinâmica da situação financeira de uma empresa, considerando todas as fontes de recursos e todas as aplicações em itens do ativo”.

A importância do fluxo de caixa se dá, quando a visão de ferramenta financeira passa para ferramenta gerencial. Deve haver um comprometimento em todos os níveis da empresa. As informações que podem ser obtidas através dos dados fornecidos tem também caráter econômico, oferecendo ao administrador um leque de dados para estruturar a organização. É uma ferramenta peculiar, pois permite uma visão mais ampla sobre os acontecimentos da empresa, como compras, vendas, pagamentos, recebimentos, e despesas, facilitando o prognóstico desses eventos do caixa e ainda auxiliando na tomada de decisão por parte dos gestores, como afirmar FREZATTI (1997) “aqueles que tem poderes para negociar antecipações e pagamentos a vista, tem que ter um conhecimento da situação de caixa da empresa para poder tomar uma decisão adequada”.

A demonstração do fluxo de caixa é o suporte de um planejamento eficiente, já que é sabido pelas empresas ao decorrer de seu ciclo operacional, a necessidade de se ter recursos para cumprir as obrigações. É importante destacar que as empresas não necessitam manter um nível elevado de caixa, como afirma NETTO (2009) “a administração não deve manter suas reservas de caixa em níveis elevados como forma de maximizar a liquidez. Ao contrário deve buscar um volume mais adequado de caixa, de maneira a sincronizar as características da atividade com o desempenho do caixa”.

Percebemos que o fluxo de caixa tem a função de proporcionar maior segurança nas decisões, e rapidez nas rotinas financeiras, já que apresenta a



situação do caixa atual da empresa, bem como a visão antecipada de alguns fatos em tempo hábil para modificações.

### 3.1. Implantação do fluxo de caixa

Apesar de ser uma demonstração contábil, o fluxo de caixa tem fácil elaboração e seu entendimento é prático, pois demonstra as operações que serão realizadas pela empresa. É importante que a estruturação do mesmo esteja organizada de acordo com as atividades desenvolvidas pela empresa, de forma a deixá-lo mais claro para quem o utilizar.

Apesar das micro e pequenas empresas não necessitarem de nenhum outro regulamento sobre as práticas contábeis, além da legislação vigente, a estrutura estabelecida pelo Pronunciamento Técnico Contábil – CPC n. 03/2008, divide em pontos principais a avaliação no fluxo de caixa onde é interessante a sua utilização. Para o CPC o ideal é que as atividades estejam divididas em:

- Atividades operacionais: estão relacionadas com o objetivo social da empresa, são derivadas das principais atividades geradoras de receita da entidade, como por exemplo: recebimento pela venda de mercadoria ou prestação de serviços, pagamento de fornecedores ou serviços, pagamento à funcionários, etc.
- Atividades de investimentos: estão relacionadas com a compra e venda de ativos imobilizados, intangível, participações em outras empresas, venda ou compra de ações, empréstimos.
- Atividades de financiamentos: estão relacionadas à captação de recursos para financiar as operações e investimentos, como valores recebidos sobre a emissão de empréstimos, títulos de curto e longo prazo, pagamentos de caixa por arrendatário.

O CPC propõe essa divisão visto que, através do fluxo de caixa das atividades operacionais se é possível perceber se a empresa é capaz de gerar saldo suficientes de caixa sem recorrer a fontes externas, isso é, se as atividades operacionais são capazes de sustentar a empresa, e ainda as informações



fornecidas por esse fluxo de caixa são as que mais impactam na apuração do lucro ou prejuízo de determinado período. Já o fluxo de caixa das atividades de investimento representa a extensão em que os dispêndios de recursos são feitos com a intenção de gerar resultados de caixa no futuro. E o fluxo de caixa de financiamento representa a previsão das exigências sobre os futuros fluxos de caixa pelos fornecedores de capital da empresa.

Assim pode-se concluir que essa divisão do fluxo de caixa é útil para proporcionar uma base para avaliar a capacidade de gerar recursos da organização bem como suas necessidades de liquidez, e também amplia o grau de confiabilidade das informações, visto que, essas estão detalhadas separadamente.

A implantação do fluxo de caixa limita-se a apropriar os valores fornecidos pelas diversas áreas da empresa de acordo com os períodos que efetivamente ocorreram os desembolsos e os auferimentos.

#### **4 Aspectos metodológicos**

Considerando os objetivos do estudo de demonstrar a importância do planejamento, e a sua aplicação como um controle financeiro de curto prazo através do instrumento do fluxo de caixa a metodologia da presente pesquisa, tem natureza exploratória e descritiva.

De acordo com Vergara (1997), a pesquisa exploratória é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Gill (2008) complementa dizendo que estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento das ideias ou a descoberta de intuições.

Para Gill (2008), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis. Salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo. Trivinos (1987) completa exprimindo que os estudos descritivos exigem do pesquisador uma série de informações sobre



o que se deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever 'com exatidão' os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Quanto à análise dos dados será feito uma abordagem qualitativa. Segundo Beuren (2006), a pesquisa qualitativa possibilita análises aprofundadas em relação ao objeto de estudo.

Em relação ao método da pesquisa será feito um estudo de caso. Para Gill (2008) o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Seguindo a metodologia estabelecida, a pesquisa foi iniciada pela revisão bibliográfica, dentre livros, artigos e meios eletrônicos, e a partir de então, será realizado um estudo de caso em uma empresa comercial onde será analisado o planejamento financeiro da mesma, bem como as entradas e saídas de caixa. Juntamente com a pesquisa, será aplicado um questionário em três empresas, ainda não estabelecidas, destinado aos gestores das mesmas para concluir a ideia da eficácia do planejamento e da importância do fluxo de caixa.

Os dados a serem apresentados, serão registrados através dos fatos fornecidos pelo comércio, objeto do estudo de caso, considerando os elementos da revisão bibliográfica, que são necessários para o planejamento e para a administração de caixa através da demonstração do fluxo de caixa.

### **Considerações finais**

O controle financeiro é uma variável muito defasada em varias organizações. Isso ocorre por fatores diversos como falta de atenção do gestor, falta de conhecimento ou até negligência por parte do mesmo. O planejamento financeiro é de fundamental importância para a constituição e continuação de qualquer organização, seja ela de grande, médio ou pequeno porte. Sem a presença do mesmo, é impossível realizar projeções, análises, aplicações de investimentos, reconhecer a real situação do negócio, e ainda visualizar as oportunidades existentes para direcionar a empresa.



Através do levantamento bibliográfico percebeu-se a importância de se planejar e de se ter um bom controle, capaz de administrar o capital de giro da empresa já que, através dele que são mantidas todas as atividades. A ferramenta que viabiliza esse controle é a- DFC. A demonstração do fluxo de caixa- DFC é utilizada para controlar o caixa da empresa, de uma forma que seja possível controlar as entradas e saídas monetárias e não monetárias da empresa em período já estabelecido, por isso está dividida em operacional, financeiro e investimento.

Apesar de ser uma demonstração contábil, o fluxo de caixa é de fácil aplicação e é elaborado de acordo com as atividades e as necessidades da empresa. Por isso se torna viável para qualquer tipo de organização.

Na presente pesquisa, ainda em desenvolvimento, apresenta-se a propagação do fluxo de caixa como instrumento de gestão financeira, além do qual importante é a conscientização do micro e pequeno empreendedor no quesito planejamento, e como é seguro crescer quando se possui um bom controle que auxilie na tomada de decisão.

## Referências

BEUREN, Ilse Maria.org. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRAGA, Roberto. *Fundamentos e técnicas de Administração Financeira*. São Paulo: Atlas, 1998.

CAPITAL de giro: *O que e como administrá-lo?* . Empresas, Gestão, Negócios. jul 2010. Disponível em: <<http://www.pensandogrande.com.br/capital-de-giro-o-que-e-e-como-administra-lo>>. Acesso em 15 mar. 2015.

Como calcular o capital de giro? *Entenda o que é e como definir o da sua empresa*. 24 jun. 2014. Disponível em: < <http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/como-calculiar-o-capital-de-giro/90566/> >. Acesso em: 20 abr.2015.

CORRÊA, K. Planejamento estratégico. jun.2008. Disponível em: <<http://www.administracaoegestao.com.br/planejamento-estrategico/niveis-de-planejamento/>>. Acesso em: 21mar. 2015.



COSIF, Plano contábil das instituições do Sistema Financeiro Nacional. Pronunciamento Técnico CPC 03 – Demonstração dos Fluxos de Caixa – 3 Disponível em: <http://www4.bcb.gov.br/NXT/denorcosisf/DOWNLOAD/an-03.PDF>> Acesso em: 30 abr. 2015.

FREZATTI, Fábio. *Gestão do fluxo de caixa diário*. Como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio. São Paulo: Atlas, 1997.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITMAN, Lawrence J. *Princípios da administração financeira*. São Paulo: Habra, 1997.

IEF, Instituto de Estudos Financeiros. *Capital de giro: Um desafio permanente*. Disponível em: < <http://www.ief.com.br/analise.html>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

MARTINS, Orleans Silva. *O Planejamento em Micro e Pequenas Empresas Comerciais*. p.18, nov. 2005.

MATARAZZO, Dante Carmire. *Análise Financeira de Balanços: abordagem básica gerencial*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEGLIORINI, Evandir; VALLIM, Marco Aurélio: *Administração Financeira. Uma abordagem brasileira*. 1. Ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MODELO Fleuriet. *Saldo de tesouraria*. Disponível em: < <http://www.modelo-fleuriet.com/saldo-de-tesouraria/> >. Acesso em: 20 abr. 2015.

NETO, Alexandre Assaf; SILVA, César Augusto Tibúrcio: *Administração do Capital de Giro*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Elisângela Leitão. *Administração do capital de giro um estudo de caso na sociedade Fogás Ltda, Florianópolis, Nov. 2002*. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82685/191025.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

OLIVEIRA, Ernani Tadeu de. *Planejamento Financeiro*, 4 ed. Porto Alegre: Sebrae RS, 2002.

OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta. *Estrutura e formatação de trabalhos acadêmicos*. Compilação e discussão das normas da ABNT 4.ed. Franca: Uni-Facef, Centro universitário de Franca, 2013.



PORTAL Administração. *Planejamento Estratégico, Tático e Operacional*. Disponível em: <<http://www.portal-administracao.com/2014/07/planejamento-estrategico-tatico-operacional.html>>. Acesso em 28 fev. 2015.

SANTOS, Edno Oliveira. *Administração Financeira da Pequena e Média Empresa*. São Paulo: Atlas, 2001.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Planejamento Estratégico aplicado aos pequenos negócios*. Disponível em:< <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/Planejamento-estrat%C3%A9gico-aplicado-%C3%A0s-MPEs.>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Gestão financeira. Política de cobrança e controle de inadimplência*. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Pol%C3%ADtica-de-cobran%C3%A7a-e-controle-da-inadimpl%C3%Aancia>>. Acesso em: 07 mar. 2015

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Doze anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas*. ago. 2010. Disponível em: < [http://www.sebraesp.com.br/arquivos\\_site/biblioteca/estudospesquisas/mortalidade/mortalidade\\_12\\_anos.pdf](http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/estudospesquisas/mortalidade/mortalidade_12_anos.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2015.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução á pesquisa em Ciências Sociais*. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 1997.

ZDANOWICZ, José Eduardo. *Fluxo de caixa*. Uma decisão de planejamento e controle financeiros, 4 ed. Porto Alegre: D.C. Luzzatto, 1991.